



O GÊNERO POLICIAL NA NARRATIVA JUVENIL: INVESTIGAÇÃO DE *O CASO DOS FALCÕES-PEREGRINOS* (2019), DE SEVERINO RODRIGUES

CRIME FICTION WITHIN YOUTH LITERATURE:
INVESTIGATION OF *O CASO DOS FALCÕES-PEREGRINOS*
(2019), BY SEVERINO RODRIGUES

Paula Grinko Pezzini¹
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Clarice Lottermann²
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo: A partir da narrativa *O caso dos falcões-peregrinos* (2019), do escritor pernambucano Severino Rodrigues, o artigo investiga os elementos clássicos, modernos e contemporâneos no que diz respeito ao gênero policial, bem como aspectos da literatura juvenil brasileira. A discussão parte de teóricos como Bordieu (1996) e Bakhtin (2006), em relação aos gêneros literários; Todorov (2006) e Fajardo (2018), no que concerne à ficção policial; e, para fundamentar a literatura juvenil, Lajolo e Zilberman (2007) e Luft (2010). Pode-se constatar que a obra analisada justapõe aspectos do romance policial clássico e do moderno, transformando-se em uma narrativa de suspense contemporâneo.

Palavras-Chave: Narrativa policial; Literatura juvenil; Severino Rodrigues.

¹ Endereço eletrônico: teacherpaulagrinko@gmail.com.

² Endereço eletrônico: clalottermann@hotmail.com.

Abstract: *Based on the book O caso dos falcões-peregrinos (2019), written by Severino Rodrigues, author from Pernambuco, the article investigates classic, modern and contemporary elements with regard to crime fiction and Brazilian youth literature displayed in the book. The discussion is based on concepts from Bordieu (1996) and Bakhtin (2006), in relation to literary genres; Todorov (2006) and Fajardo (2018), regarding detective novels; and, in order to theorize youth literature, Lajolo and Zilberman (2007) and Luft (2010). The narrative juxtaposes aspects of both classic and modern crime fiction, transforming itself into a contemporary suspense story.*

Keywords: *Detective fiction; Young adult literature; Severino Rodrigues.*

INTRODUÇÃO

Livros voltados para o público infantil e juvenil e o gênero de literatura policial têm em comum o fato de, historicamente, serem desprestigiados pela crítica brasileira e desconsiderados do rol das “grandes obras”. Subjugadas a uma posição periférica no que diz respeito à academia, obras voltadas para o público infantil e juvenil são frequentemente interpretadas como simples e despretensiosas. No entanto, o caráter pedagógico assumido por escritores ao construírem enredos cujo objetivo final era uma “moral da história” dá lugar a novas tendências em obras contemporâneas. Tanto temática quanto estruturalmente, abordagens inovadoras permeiam, sobretudo, o subsistema da literatura juvenil, a partir de composições que proporcionam múltiplos caminhos de interpretação ao jovem leitor.

Nesse sentido, cabe ponderar quais efeitos são provocados quando uma narrativa juvenil vai ao encontro do gênero detetivesco e, em especial, a quais formas a escritura contemporânea recorre para que a narrativa atue como um movimento de potência transformadora. Partindo desse pressuposto, e com o objetivo de assinalar simultaneamente elementos tradicionais e inovadores em relação à literatura juvenil e ao gênero policial, investiga-se a obra *O caso dos falcões-peregrinos*, do escritor pernambucano Severino Rodrigues. Publicada em 2019, a obra justapõe aspectos do romance policial clássico e do moderno,

transformando-se em uma narrativa de suspense com características contemporâneas.

Para tanto, o artigo discorre, inicialmente, sobre as idiossincrasias dos gêneros literários, em especial o policial, a fim de situar os critérios centrais a serem averiguados na análise de *O caso dos falcões-peregrinos* (2019). Em seguida, delimita-se o contexto no qual a obra foi publicada e investigam-se as estratégias do narrador e os elementos que correspondem ao romance policial clássico e, em contraponto, as marcas contemporâneas que promovem inovações na literatura juvenil brasileira contemporânea.

1 TRAJETOS TEÓRICOS

Em *As regras da arte* (1996), ao contemplar as particularidades de gêneros literários, após conceituá-los sob os signos *campo literário* ou *espaço simbólico*, Pierre Bourdieu assevera a importância das influências sociais, econômicas — e, portanto, políticas — a que se assujeita a hierarquização dos gêneros na tradição clássica. Admite haver mais pontos de vista sob os quais os gêneros se organizam, porém triangula em suas reflexões o teatro, o romance e a poesia como os ângulos essenciais dessa ordem. O autor afirma que “é a qualidade social do público (medida principalmente por seu volume) e o lucro simbólico que ele assegura que determinam a hierarquia específica que se estabelece entre as obras e os autores no interior de cada gênero” (BOURDIEU, 1996, p. 135). Especificamente sobre o romance, afirma que também os subsistemas de cada gênero são colocados em jogo no que diz respeito à posição que assumem na sociedade:

isso se vê bem [...] no caso do romance, em que a hierarquia das especialidades — romance mundano, que se tornará romance psicológico, romance naturalista, romance de costumes, romance regionalista, romance popular — corresponde muito diretamente à hierarquia social dos públicos atingidos, e também, de maneira bastante estrita, à hierarquia dos universos

sociais representados e mesmo à hierarquia dos autores segundo a origem social e o sexo. (BOURDIEU, 1996, p. 135-136)

Sob esse prisma, e conforme Mikhail Bakhtin, pode-se dizer que “toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico” (BAKHTIN, 2006, p. 26). Nesse sentido, ao refletirem e refratarem realidades exteriores, esses produtos constituem artefatos culturais, porque são criados em um determinado tempo e espaço, além de se ocuparem em questionar as estruturas coletivas às quais estão submetidos. No cômputo da arte, a literatura se inscreve como potência universal e atemporal. Segundo Jameson (1992), ao registrar verbalmente uma cena singular, a narrativa literária desenvolve, por meio da linguagem, um ato social abrangentemente simbólico e político.

No arrolamento de Bordieu (1996) sobre o romance, não se vê a narrativa policial como parte do gênero, pois é percebida como parte de uma literatura “menor” — a chamada literatura de massa. A tradição clássica da historiografia literária tende a perceber as histórias de mistério como donas de pequeno valor estético; e os motivos dessa visão englobam a venda massiva das obras, que as caracterizariam como simples leitura de entretenimento. Tzvetan Todorov, em *Tipologia do romance policial* (2006), escreve:

Poder-se-ia dizer que todo grande livro estabelece a existência de dois gêneros, a realidade de duas normas: a do gênero que ele transgride, que dominava a literatura precedente; a do gênero que ele cria. Existe, entretanto, um domínio feliz onde essa contradição dialética entre a obra e seu gênero não existe: o da literatura de massa. A obra-prima habitual não entra em nenhum gênero senão o seu próprio; mas a obra-prima da literatura de massa é precisamente o livro que melhor se inscreve no seu gênero, o romance policial tem suas normas; fazer “melhor” do que elas pedem é ao mesmo tempo fazer “pior”: quem quer “embelezar” o romance policial faz “literatura”, não romance policial. O romance policial por excelência não é aquele que transgride as regras do gênero, mas o que a elas se adapta. (TODOROV, 2006, p. 94-95)

Todorov ilustra uma noção que, apesar de relativamente desconstruída no meio acadêmico atual, segue existindo em um âmbito geral. E as normas às quais romances policiais devem se submeter para serem inscritas no gênero foram, e ainda o são, descritas com minúcia. Em sua obra, o autor sintetiza as características das três grandes tipologias do romance policial. O “modelo” clássico é conhecido como romance de enigma, que se contrapõe ao moderno *roman noir*. Como uma transição entre o romance de enigma e o *roman noir*, além de alcançar espaço simultaneamente a este, há o romance de suspense.

O romance de enigma é composto por caminhos narrativos que classificam a literatura policial clássica. Tem-se como criador do gênero policial Edgar Allan Poe (1809–1849), com *Os assassinatos da rua Morgue* (1841) e o detetive C. Auguste Dupin. Outro importante escritor de histórias policiais foi Arthur Conan Doyle (1859–1930) que, com *Um estudo em vermelho* (1887), idealiza possivelmente o detetive mais famoso da literatura: Sherlock Holmes.

Enquanto o enredo se constrói sobre duas histórias: a do crime e a do inquérito, é a partir do narrador que se edifica a descrição do detetive como um investigador esperto e astuto, porque, a partir de um crime imperfeito, decifra o caso com maestria. Para tanto, quem conta a história não é o detetive em si: é um observador, que relembra e retrata as atitudes daquele que tem o papel principal de desvendar as pistas deixadas pelo assassino. O objetivo de tal escolha narrativa se deve ao fato de que o romance policial clássico tem que ser transparente, simples, claro e direto; não é transpassado por possíveis sentimentos do detetive. Ele não age: descobre. E nada pode lhe acontecer, já que o gênero postula sua imunidade.

Durante os anos 1940, o *roman noir* assume a principal forma no interior da literatura policial moderna. No gênero dramático do submundo do crime, enquanto a personagem de Poe analisa minuciosamente os fatos até chegar à

solução do enigma, o detetive Sam Spade, em *O falcão maltês* (1930), apresenta-se não mais como “máquina pensante”, mas como um homem comum.

As temáticas do *roman noir* são desenvolvidas com muita ação. Em prosa objetiva, o narrador traz para o relato cenas de violência explícita, massacre, sexo, espancamento, amor bestial, paixão desenfreada e ódio sem piedade; a amoralidade é retratada por meio de crimes sórdidos. As personagens são seres de carne e osso e apresentam extrema ambiguidade moral e complexidade contraditória: assassinos de aluguel, policiais corruptos, chantagistas e traficantes. Há, inclusive, a possibilidade de o detetive ser uma dessas caricaturas ou, ao menos, identificar-se com uma delas.

De maneira a combinar as propriedades de tipologias tão diferentes entre si, surge uma terceira: o romance de suspense, que conserva o mistério e as histórias do passado e do presente (como no de enigma); mas centraliza a segunda história (como o faz o *noir*). Não é a simples detecção da verdade. O leitor está interessado no que acontecerá ao decorrer da narrativa.

Boileau e Narcejac (1991), citados por Fajardo (2018, p. 258), caracterizam o romance de suspense como “romance da vítima”, pois será ela a personagem focalizada na trama. Ao longo do enredo, a vítima corre perigo por todos os lados, sendo este não necessariamente concretizado pela morte. Essa situação é, portanto, vista como uma ameaça, uma vez que o leitor está na expectativa e a vítima sofrerá uma perseguição. Os fatos a serem desvendados pelo detetive ainda estão suspensos, o que torna o tempo dolorosamente sentido e vivido pelas personagens. No entanto, a expectativa é constantemente retardada, torturante e distendida por um ritmo acelerado, responsável por atribuir à narrativa muito mais emoção em relação ao tempo da trama.

Ao considerar que cada tipologia possui características narrativas bastante específicas, vale a pena ressaltar que a literatura contemporânea segue a tendência de desconstruí-las e configurar uma nova voz que, de maneira original,

desenvolve uma forma de representar metonimicamente a sociedade. Para Mayrant Gallo (2005), citado por Nunes (2014, p. 24): “há muito tempo que o relato policial deixou de ser um gênero de massa e se tornou uma espécie de meio formal para que grandes autores, mediante o procedimento literário que mais lhes convenha no momento, reflitam sobre a realidade à sua volta”.

Quanto à literatura juvenil, Dias e Carvalho (2019) consideram que o interesse pela narrativa voltada ao público jovem tem aumentado devido às transformações nos modos de ver tanto a infância quanto a adolescência. Entre as muitas características que marcam o gênero, destaca-se o fato de proporcionar, aos jovens leitores, o encontro com temáticas e situações que dialogam com as suas inquietações:

[...] os jovens procuram na Literatura temáticas actualizadas que lhes transmitam respostas para os problemas que os perturbam e, porque etariamente é uma idade de inquietação e sobressalto, este jovem público leitor prefere livros dinâmicos, constituídos por muitos acontecimentos e vividos por personagens com quem se possam identificar. (ALBUQUERQUE, 2009, on-line)

Sob essa perspectiva, é precisamente no contexto das últimas décadas do século XX que se pavimentou o terreno para que fossem cultivados traços inovadores na literatura juvenil.

2 EM BUSCA DOS FALCÕES

*O caso dos falcões-peregrinos*³ (2019), obra escrita por Severino Rodrigues⁴, pode ser caracterizada sob o signo *narrativa juvenil* tanto pela temática quanto

³ Seleccionada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), a obra *O caso dos falcões-peregrinos* (2019) compõe a seção *Fiction for young people* [Ficção para jovens] do Catálogo para a Feira de Bolonha de 2020, na Itália.

⁴ Severino Rodrigues é autor de obras voltadas para o público infantil e juvenil e professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Publicou seu primeiro livro juvenil, *Sequestro em Urbana*, em 2013. Ganhou, entre outras premiações, o Prêmio Ganymedes

pela estrutura diegética com vários núcleos. O livro, com 238 páginas divididas em 37 capítulos, apresenta um trabalho editorial cuidadoso. Desde a capa à contracapa, há a presença de paratextos constituídos por imagens que indicam o assunto da obra: na capa, os prédios apontam a ambientação urbana; as manchas de sangue, recorrentes no projeto gráfico, sugerem violência; e a garra de uma ave se mostra afiada, pronta para atacar. Além disso, são observáveis duas figuras (uma masculina e uma feminina), Viktor e Agnes, os protagonistas jovens da obra.

A estilização das gravuras, especialmente na contracapa e no interior do livro, exhibe o efeito sépia e uma camada de coloração envelhecida. Nesse sentido, os tons quentes, somados à escolha de uma fonte desenhada, conferem um aspecto clássico à diagramação da obra. Inclusive no sumário e nos títulos dos capítulos, é mantida a inscrição alternativa — com curvaturas e contornos rebuscados, quase como se manuscritos — à fonte habitual utilizada no texto corrido, o que reveste o livro de uma atmosfera elegante, semelhante à postura da ave que se encontra na primeira orelha. Se aqui está em sua forma completa, desafiadora e valente, na contracapa, vê-se um ícone simplificado do pássaro, que o exhibe alçando voo em direção ao céu. Essa imagem reaparece na guarda do livro, acompanhada de algumas páginas amareladas e de um mapa; os dois objetos insinuam a busca de um alvo distante.

Os elementos intersemióticos em *O caso dos falcões-peregrinos* (2019) espelham a construção diegética da obra. A narrativa de Severino Rodrigues reverbera uma atmosfera de suspense e mistério ao partir da premissa de que o leitor jovem terá de assumir papel ativo se quiser decifrar o enigma. Já na sinopse, o autor convoca:

José, da União Brasileira dos Escritores (UBE-RJ) em 2017 e, em 2018, o concurso Leia Comigo!, da FNLIJ. Em 2019 venceu, com *88 histórias: conto e minicontos*, o troféu de Melhor Texto Juvenil, pela Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ).

Nesta trama ágil e surpreendente, a cada capítulo você vai se envolver com uma infinidade de pistas — algumas falsas, outras verdadeiras — sobre a real identidade do criminoso. Caberá a você decifrá-las, em meio a muito suspense e emoção. Afinal, aqui, todo mundo esconde um segredo. E você? Também tem um? (RODRIGUES, 2019, [contracapa])

“Pistas”, “criminoso”, “suspense”, “emoção”, “segredo”: com base nos termos utilizados na síntese do livro, assim como na própria ficha catalográfica, que descreve a obra como “ficção policial e de mistério”, é possível classificar *O caso dos falcões-peregrinos* (2019) sob o signo *narrativa policial*.

Em contraponto às estratégias mais atuais aplicadas por Severino, como a construção de múltiplos e simultâneos focos narrativos e a utilização de ícones gráficos ao longo do texto, o interlocutor lê na epígrafe duas citações de autores fundamentais quando o assunto é literatura policial clássica. Ao invocar tais nomes, Severino traça um diálogo direto com o romance de enigma; ao mesmo tempo, as frases podem engendrar as primeiras pistas para o leitor.

“Era minha ambição *inventar* [...] um mistério que ninguém conseguisse resolver” (CHRISTIE *apud* RODRIGUES, 2019, [epígrafe]): ao tomar para si as palavras da rainha do crime, o autor revela metafictionalmente seus objetivos e provoca o leitor que, mesmo antes de se aventurar no enredo, vê-se desafiado a solucionar o caso. “Mas temos vários fios em nossas mãos, e é provável que um ou outro deles nos guie até a verdade. Podemos perder tempo seguindo o fio errado, porém, mais cedo ou mais tarde, daremos com o certo” (DOYLE *apud* RODRIGUES, 2019, [epígrafe]). A citação de Conan Doyle prenuncia o jogo de sombras construído por um narrador que produz cortinas de fumaça e oferece pistas falsas no percurso da obra.

A história começa com um assalto: um ladrão, “tão veloz quanto um pássaro” (RODRIGUES, 2019, p. 12), invade a loja em que Graziela trabalha usando uma jaqueta preta de couro com a imagem de um falcão nas costas — marca registrada da quadrilha. A frase inicial do livro causa estranhamento ao

leitor: “Ele voltou” (RODRIGUES, 2019, p. 11). Assim se inaugura a série de questionamentos que leva ao mistério de quem é esse “ele” que caminhava orgulhoso após o crime. Depois que o homem com jaqueta de falcão assalta Graziela, ele avisa: “Ah, gostei desta máscara. Vou levar. E, quando a polícia chegar, diga que o voo do falcão-peregrino está de volta” (RODRIGUES, 2019, p. 12). O capítulo termina com essa declaração impactante, e o leitor passa a se perguntar: o que pode ter acontecido anteriormente? Tal construção enigmática prende a atenção do jovem leitor, considerando que:

O clássico leitor de história policial gosta de suspense e também de testar a própria capacidade de investigação. Mas não basta um relato sobre delitos, e a disposição de alguém para desvendá-los, para assegurar o suspense de uma narrativa policial. É necessário haver certa articulação própria desse gênero na narrativa e uma relação específica do investigador com o crime, cujo efeito é permitir ao leitor sentir-se como participante de um jogo de quebra-cabeça que, ao final, irá restituir a ordem. (CADEMARTORI, 2012, p. 75)

Ao longo da leitura, é perceptível o uso de uma linguagem que se caracteriza pelo registro fortemente comunicativo, com orações entrecortadas em momentos de ação. O fato de o autor recorrer a diálogos frenéticos, que se aproximam da oralidade — com gírias e gramática em uso —, e a pistas inconclusivas posiciona o leitor em pleno ofício, estimulando-o a reconstruir os passos das personagens. É em virtude da agilidade narrativa que há a criação de uma escrita provocadora e estimulante.

Além disso, o autor recorre à imagem do ladrão-falcão para desenvolver uma metáfora simbólica: não é apenas um pássaro, mas o falcão-peregrino — ave de rapina especializada no voo em velocidade. Na obra, os crimes da quadrilha Falcões-Peregrinos são assaltos a bancos e a lojas, realizados de forma rápida para que sejam evitados confrontos com a polícia.

No segundo capítulo, são apresentados os protagonistas do livro: Viktor, um adolescente de 16 anos que trabalha como apresentador do programa *Onda*

Jovem e Agnes, um ano mais nova, namorada do jovem radialista. Ele, com uma cicatriz sobre a sobrancelha direita, ela com um sinal no braço esquerdo: o casal traz nas marcas do corpo o trauma de ter perdido a mãe e o pai, respectivamente, em um assalto ocorrido dez anos antes. Vale ressaltar que essas informações são dadas de forma descontínua por um narrador heterodiegético bastante descritivo que, por meio de discurso indireto livre, dá espaço para que as personagens rememorem o passado em *flashbacks* e exponham subjetivamente as vivências do presente.

Viktor apresenta o programa de maneira descontraída e menciona o link da transmissão ao vivo, que está na sua conta das redes sociais:

— E com *We are young*, da banda Fun., com participação de Janelle Monáe, ficamos por aqui. Sou Viktor Rodrigues, do Onda Jovem, seu programa de fim de tarde! Rádio Veneza FM, o melhor da música ao seu ouvido! Ah, quem chegou agora pode conferir o link da nossa transmissão ao vivo no meu perfil das redes sociais. E me sigam, é claro, para ficar por dentro das promoções e novidades. Aguardo vocês amanhã, pessoaaa! Aquele abraço apertado! (RODRIGUES, 2019, p. 13)

Esse é um elemento corriqueiro na obra de Severino: ao fazer menções orgânicas a recursos tecnológicos — como jogos de videogame e grupos de bate-papo em aparelhos eletrônicos — e a alusões culturais da atualidade — filmes e músicas inclusive em língua estrangeira —, o autor cria um universo ficcional repleto de fatores com os quais o leitor jovem pode se identificar. Sobre o assunto, Luft (2010) menciona a intertextualidade como uma característica da literatura contemporânea, especialmente à medida que a narrativa apresenta referências visuais à cultura pop, como super-heróis em quadrinhos, cinema de ação e músicas de artistas atuais. Em suma:

uma vertente bastante significativa da literatura juvenil brasileira alude a referências culturais que se supõe compartilhadas entre os narradores e os leitores. As relações intertextuais presentes nas narrativas, por meio das quais se amplia o diálogo entre formas artísticas e culturais, são, pois,

aspectos que traduzem uma visão contemporânea da literatura juvenil. (LUFT, 2010, p. 128)

Ainda mais evidente é a aplicação de ícones que remetem aos *emoticons* e aos *emojis*, representações pictóricas empregadas abundantemente em diálogos midiáticos. Além de dinamizar o texto, o uso demonstra que as obras infantis e juvenis contemporâneas manifestam “ainda outro traço de modernidade: a ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiários do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente autossuficiente” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 126). A estrutura da obra é composta por vários núcleos narrativos, por meio dos quais a mesma situação é revisitada sob diferentes enfoques. O leitor tem acesso a múltiplas perspectivas, tanto do ponto de vista dos jovens quanto dos adultos. Dessa maneira, há um desenvolvimento polifônico que permite que o interlocutor contemple inclusive o que os bandidos estão tramando. E, a fim de arquitetar os capítulos, *O caso dos falcões-peregrinos* é subdividido por ícones gráficos que separam os momentos do texto. Ao todo, são 112 figuras que ilustram a situação descrita imediatamente acima e, em sua grande maioria, marcam alteração da voz enunciativa.

Os ícones dão indícios, inclusive, do gênero literário, considerando que as representações de mistério são abundantes. Alguns dos elementos referentes à atmosfera policialesca surgem em momentos da narrativa nos quais não houve necessariamente uma menção explícita ao objeto, o que evidencia o aspecto autônomo e a pluralidade interpretativa dessa incorporação intersemiótica.

Portanto, se a imagem solicita uma consciência diferente da escrita, criam-se múltiplas possibilidades de significação quando colocadas lado a lado. De maneira similar, há a exploração da intertextualidade cultural à medida que o leitor vê nas imagens o que foi verbalmente relatado, como quando André pensa em Manuela. O jovem, que tem um interesse platônico pela amiga de sua irmã Agnes, a compara à atriz do filme *Homem-Aranha*:

André escutava a rádio Veneza enquanto arrumava a sua estante de quadrinhos, livros e DVDs. [...] Tentando enfileirar todos na mesma prateleira, um deles caiu no chão. Era Homem-Aranha 2 com Tobey Maguire no papel de Peter Parker. Na capa, o herói aracnídeo ao lado de Mary Jane Watson. Kirsten Dunst, a atriz ruiva da capa, fez o garoto se lembrar de outra ruivinha que estudava na mesma sala de aula. (RODRIGUES, 2019, p. 69-70)

Em seguida, vê-se a ilustração de uma aranha. A essa altura, vale ressaltar que André também assume posição detetivesca, mas em relação aos roubos dos celulares na escola. No quinto capítulo, quase como uma história paralela, outro crime: o celular de uma colega some logo após o intervalo. O irmão de Agnes se envolve no caso ao tentar encontrar o aluno responsável pelos roubos, que se tornam frequentes. Manuela sofre duplamente com a situação: antes de os crimes na sala de aula acontecerem, ela havia sido assaltada na rua e teve seu celular levado. Adiante, a jovem passa pela mesma situação, agora roubada por um de seus colegas. De forma análoga ao desfecho da investigação principal, o leitor descobre quem rouba os celulares dos colegas. Neto, colega motivado a cometer os crimes por envolvimento com drogas, é visto por André na biblioteca da escola.

Os processos de desenvolvimento da subjetividade das personagens e de evolução narrativa dos sentimentos de cada uma são sustentados pelos ícones gráficos, com expressões faciais de tristeza, desconfiança e surpresa; corações partidos, inteiros ou compartilhados; e caracterizações físicas das pessoas. Há, também, a representação dos lugares onde as ações ocorrem, como logo após os assaltos a banco ou quando as personagens estão na sede da — ou em direção à — Rádio Veneza FM:

Figura 1: Ícones gráficos extraídos do livro



Fonte: Adaptado de Rodrigues (2019, p. 16-238).

O último ícone listado acima mostra três aves que voam, libertas, em direção ao céu. Essa é a imagem final da obra, e o único momento no qual os pássaros — que, aliás, possuem a exata silhueta da ave apresentada solitária na contracapa e na guarda do livro — são visualizados em conjunto, de acordo com o desfecho favorável aos protagonistas.

2.1 Tradições e renovações

A obra de Severino Rodrigues ostenta características inovadoras no que diz respeito à narrativa para jovens. Ao retratarem temas fraturantes, os escritores da contemporaneidade recriam em um universo ficcional a realidade de crianças e jovens que lerão a obra e nela poderão se reconhecer. Sobre o assunto, as pesquisadoras Ana Margarida Ramos e Ana Daniela Fonseca (2015) listam algumas das tendências temáticas comuns à escrita atual:

a procura e a aceitação do eu, a reorganização familiar, a insegurança da sociedade, a anorexia, os maus tratos, a pedofilia, a agressão sexual, a falência da família, a transparência ou invisibilidade aos olhos dos outros, a dificuldade de comunicação entre crianças e adultos ou entre membros da mesma família, a relação com a comida e com o corpo, o contacto [sic] dos jovens com o álcool e com a droga, [...] a doença, a morte, o amor, o divórcio,

o adultério, a violência doméstica, as novas famílias, o culto da estética, a droga, o álcool, o tabaco, a homossexualidade, a violência juvenil, a delinquência urbana, a periculosidade da vida nas grandes cidades, a discriminação, o isolamento das zonas rurais, a presença constante da internet e das telecomunicações. (RAMOS; FONSECA, 2015, p. 94)

Numa tendência que já se apresenta desde os anos 1970, de acordo com Lajolo e Zilberman (2007, p. 140), “o cenário urbano passa a ocupar o lugar central da narrativa infantil contemporânea. E na desmistificação da cidade, perdem também a aura as cidadezinhas interioranas e os espaços rurais”. E é precisamente nesse contexto que é favorecido o gênero de mistério policial, justificativa para que alguns dos clássicos da literatura juvenil sejam detetivescos: *O gênio do crime* (1969), de João Carlos Marinho; *O mistério do 5 estrelas* (1981), de Marcos Rey; *A droga da obediência* (1984), de Pedro Bandeira; e *O fantástico homem do metrô* (1992), de Stella Carr. *O caso dos falcões-peregrinos* (2019) condiz: situado em uma cidade sem nome, o livro se baseia na violência urbana como elemento central dos diversos focos narrativos.

Gabriela Luft (2010) delinea as tendências predominantes em obras literárias juvenis publicadas no Brasil nos últimos anos. A autora afirma que preponderam, no cenário brasileiro, as linhas de: introspecção psicológica; denúncia social; fantasia; relações amorosas; narrativas policiais, investigativas; terror e suspense; revalorização da cultura popular; romance histórico; e intertextualidade. Vale ressaltar que não é possível distinguir somente uma linha na construção de uma obra literária; há a possibilidade de múltiplos caminhos dentro da mesma narrativa, o que constitui complexidade diegética. No entanto, a tipologia de Luft permite o levantamento dos traços mais comuns da contemporaneidade: apesar do espaço da fantasia em obras juvenis, há maior lugar para vertentes mais realistas e preocupadas com a denúncia social. Luft (2010) sustenta que:

atualmente, configuram-se novos modelos na representação literária do mundo, os quais supõem a renovação dos padrões literários existentes. Os gêneros literários predominantes e as inovações temáticas delineadas encontram-se em estreita relação, de tal maneira que a mudança efetuada nesses aspectos implica alterações nos tipos de desfecho produzidos, na atuação do narrador, na caracterização das personagens e nos cenários narrativos utilizados. Da mesma forma, configura-se um aumento da complexidade narrativa, por meio da adoção de perspectivas focalizadas, vozes narrativas intradieéticas e anacronismos na ordem do discurso. Incrementa-se, também, o grau de participação outorgado ao leitor na interpretação da obra. (LUFT, 2010, p. 128)

Segundo a pesquisadora, “as obras de cunho policial, com certo clima detetivesco, geralmente envolvem a elucidação de crimes, desaparecimentos e/ou sequestros, em que jovens protagonistas costumam ser os principais investigadores” (LUFT, 2010, p. 125). Nesse sentido, pode-se reafirmar que a obra de Severino contempla aspectos da contemporaneidade em relação à literatura juvenil. Sob essa perspectiva, as linhas identificadas por Luft se amalgamam em *O caso dos falcões-peregrinos* (2019). A narrativa policial de Severino transforma a investigação do crime em apenas um dos fatores do enredo; as linhas de introspecção psicológica, denúncia social, relações amorosas e intertextualidade se tornam peças igualmente importantes do quebra-cabeça construído pelo autor. Isso porque as marcas de violência compõem tema fundamental no livro. Graziela, a vítima inicial da história, é assaltada pela segunda vez pelos Falcões-Peregrinos, pois estava no banco quando a quadrilha atacou. A personagem é ponte para uma discussão sobre estresse pós-traumático, à medida que apresenta comportamentos advindos de trauma, como nervosismo, ansiedade e pesadelos frequentes:

Graziela teve dificuldade para abrir a porta do apartamento. Sua mão tremia. – Era ele. Era ele – disse baixinho. Após trancar a porta, fechou as janelas e cerrou as cortinas. – Era ele. Era ele. A mesma voz. A mesma jaqueta preta. E a máscara de falcão que roubou ontem da loja. A atendente passara a noite de segunda tendo pesadelos com o ladrão que assaltara a loja de fantasias e artigos para festas onde trabalhava. E, na terça, após uma manhã de trabalho

e mãos suadas de nervosismo, pediu ao chefe uma horinha no meio da tarde para fazer um depósito no banco. E lá fora vítima pela segunda vez. De um novo assalto. Do mesmo criminoso. Na cozinha, enquanto enchia um copo d'água, Graziela repetia: – Era ele. Era ele. O Falcão! (RODRIGUES, 2019, p. 41-42)

É perceptível o desgaste psicológico de Graziela ao longo do livro: “Desde que fora assaltada pela segunda vez pelo falcão Raphael, a jovem se recusava a sair de casa e só queria ficar deitada, dormindo, apesar dos pesadelos que, vez por outra, a atormentavam. E sempre a figura de um monstro, metade falcão, metade homem a ameaçava” (RODRIGUES, 2019, p. 57). Já no fim da obra, percebe-se uma melhora, principalmente quando Graziela conversa com Eliana, secretária de Maurício e mãe de Agnes e André. Há uma menção breve sobre psicoterapia, o que comunica um ensinamento para o leitor jovem: “– Calma! – disse Eliana, sentando-se ao lado da amiga. – Você já tá fazendo terapia, Leo me contou. Logo ficará boa. [...] – Grazi, infelizmente, pessoas más amargam a vida da gente. Mas não podemos perder a doçura” (RODRIGUES, 2019, p. 215).

Ainda no segundo capítulo, há uma fala que denuncia o sentimento geral:

– Júlio ligou. Um posto de conveniência e um ônibus foram assaltados. Ele já apurou os fatos e vamos incluir a notícia no programa de hoje. Júlio era o repórter de rua responsável por enviar os furos de reportagem para a rádio. Seu Adalberto soltou um suspiro: – *A violência nesta cidade só aumenta.* – Mas tudo indica que foram cometidos pela mesma pessoa! [...] Duas pessoas, uma de cada local dos assaltos, contou ao Júlio que o ladrão usava uma jaqueta preta com um pássaro estampado às costas. – Um falcão-peregrino – sentenciou o dono da rádio Veneza. (RODRIGUES, 2019, p. 15-16, grifo nosso)

Além de depreender que a violência urbana é uma adversidade grave, que “só aumenta”, conforme Seu Adalberto, o leitor jovem recebe pistas: o falcão-peregrino foi reconhecido pelo dono da rádio Veneza. Essa indicação de que ele já sabe de quem se trata, principalmente por causa do verbo “sentenciar” utilizado pelo narrador, aumenta a tensão e fortalece a atmosfera de suspense.

Sob a mesma perspectiva, há a construção da personagem devidamente policialesca: o delegado Maurício, ao receber uma caixa de papelão abandonada na frente da delegacia em seguida ao assalto à loja em que Graziela trabalha, reconhece os dez itens — são os objetos mencionados nos boletins de ocorrência feitos naquela tarde. Aqui, percebe-se uma conexão direta dos criminosos com o delegado, que assume explicitamente a posição de detetive:

– Ele voltou, delegado – disse a secretária num tom que não afirmava muito menos interrogava. – Eles voltaram – Maurício corrigiu. – Hã? – Eliana não entendeu. – Eles? Por que o plural? – Raphael e o líder. – Ele não era o líder? – Nunca foi – interrompeu o delegado. – Mas desta vez eu vou descobrir quem ele é. Vou desvendar o verdadeiro cabeça dos Falcões-Peregrinos! (RODRIGUES, 2019, p. 20)

É plausível inferir que a ligação de Maurício com a quadrilha ultrapassa os níveis profissionais; ele tem a intenção de descobrir quem é o verdadeiro líder dos Falcões-Peregrinos por motivos pessoais, relacionados à frustração de não ter tido sucesso há dez anos, quando “O Triste Assalto” aconteceu. Vale ressaltar que o leitor passa a conhecer os fatos desse crime já no décimo capítulo, o que evidencia a fragmentação diegética totalmente intencional de um narrador que decide esconder episódios fundamentais a fim de que seja mantido o tom de mistério.

Há dez anos, a quadrilha assaltara o Banco do Brasil, mas os planos dos criminosos “não saíram como esperado e o saldo foi lamentável. Um falcão abatido e uma civil morta” (RODRIGUES, 2019, p. 66). O assaltante que faleceu na ocasião era o pai de Agnes e a civil, a mãe de Viktor. Esse fato faz com que os protagonistas jovens se relacionem em um nível profundo com a nova onda de assaltos, especialmente devido a uma vontade de justiça. Nota-se que temas fraturantes como morte e luto constituem a base da obra. O delegado Maurício se sente de certa forma responsável pelo que aconteceu; nesse sentido, o leitor é apresentado a uma esfera de violência que abarca sentimentos de raiva, culpa e

ressentimento. Ao mesmo tempo, o delegado insiste na teoria de que Raphael, o assaltante que na época de *O Triste Assalto* fora preso e confessara ser o líder dos Falcões-Peregrinos, não é o verdadeiro comandante:

O delegado tinha o rosto furioso diante do notebook da sua sala. Ao lado, uma pasta com a inscrição: “O Caso dos Falcões-Peregrinos”. E, sobre o tampo da mesa, vários papéis amarelados, além de um segundo computador com duas janelas abertas em paralelo. Ele passara a manhã inteira lendo os arquivos e assistindo às imagens do caso dos Falcões-Peregrinos. Há dez anos lera e assistira a esse mesmo material um sem-número de vezes. Contudo, diante do retorno de Raphael e dos ataques dos Falcões, voltara aos documentos. [...] E o destino, anos depois, trouxera uma pessoa indiretamente envolvida com tudo aquilo para o seu lado. Agora, porém, o delegado tinha uma pista. Estava furioso pela forma como ela chegara até ele. Mas uma pista que se relacionava com a origem do apelido da quadrilha e com *O Triste Assalto*. Coincidência? Ou sua fixação pelo caso já começava a fazê-lo ouvir e imaginar coisas? (RODRIGUES, 2019, p. 64-66)

Todo o universo do delegado parece ser composto por elementos tradicionais da história detetivesca. Do romance de enigma, Maurício se apropria das cenas típicas que compõem o clássico: “Coçando a barba negra bem aparada, Maurício relia cada um dos boletins de ocorrência da tarde em sua sala. Afrouxou a gravata. O delegado tentava entender o que havia acontecido” (RODRIGUES, 2019, p. 16). A partir de manias e trejeitos, há a construção de um investigador perfeccionista: “Na delegacia, Maurício apontava com extrema perfeição a ponta de um lápis quando Eliana abriu a porta” (RODRIGUES, 2019, p. 128). Além disso, ele não apresenta ambiguidade moral, pois tem em mente seu objetivo principal — resolver o caso dos Falcões-Peregrinos:

Sentado no chão do apartamento onde morava só, o delegado Maurício tomava café e ouvia à rádio Veneza FM enquanto relia, em seu notebook, os recortes de jornal, os depoimentos das testemunhas, a confissão, para ele, falsa do Raphael, enfim tudo sobre o caso, que salvara num HD externo para continuar investigando. Não queria parar. Por isso, repassava todas as informações sobre o ataque que ficou conhecido como *O Triste Assalto*. (RODRIGUES, 2019, p. 91)

Em contraponto aos traços clássicos do delegado, é possível notar particularidades oriundas do *roman noir*: Maurício é um ser sozinho, sempre sem companhia; e tão obcecado por um caso supostamente já fechado a tal ponto de criar uma “teoria conspiratória” da qual todas as pessoas em sua volta duvidam:

– O senhor está necessitando de umas férias. – No hospício. – Hã?! – Se eu não resolver esse caso desta vez, vou pedir afastamento. *Creio que estou ficando perturbado mesmo por continuar acreditando que haja um líder que não Raphael*. O juiz também não autorizou meu mandado de busca – pegou uma folha e largou-a em seguida. – E, olhando fixamente as duas cadeiras vazias à frente, completou: – *O pior é que já estou reconhecendo minhas sandices*. (RODRIGUES, 2019, p. 129, grifos nossos)

Diferentemente dos detetives cerebrais, Maurício se mostra vencível e afetado pelas adversidades, como as provocações realizadas pelos bandidos, que o apelidam “delelerdo” e fazem questão de vocalizar os crimes. Além disso, o delegado frequentemente expressa a comoção que o sensibiliza em relação a Viktor e Agnes.

Concomitantemente, sob a mesma lógica do delegado, os adolescentes assumem a figura detetivesca à proporção que procuram respostas sobre o mais recente assalto a banco, que ocorreu “na agência que fica um pouco mais afastada do centro” (RODRIGUES, 2019, p. 45). A busca reflete os traumas do passado, que reaparecem por meio de memórias e de conflitos atuais. Quando os dois revelam um ao outro que seus pais tiveram a ver com *O Triste Assalto*, seja na posição de Viktor — que sofre com a perda inocente da mãe —, seja na posição de Agnes — filha de um dos falcões, percebem-se os sentimentos de desconfiança e mágoa. O leitor assimila, contudo, a evolução do casal ao se perdoarem e decidirem em conjunto pela persistência em investigar.

Ao mesmo tempo que auxilia a investigação do casal, o interlocutor acompanha os passos dos Falcões-Peregrinos, que planejam mais ataques. O mistério referente ao verdadeiro líder permanece, enquanto pistas falsas

providas pelo narrador induzem o leitor a desconfiar de todos os radialistas da Veneza FM, inclusive e principalmente de Seu Adalberto. A partir de uma pista supostamente anônima (que se revela apenas nas últimas páginas ser de Ignácio, Seu Naná, falcão que fugiu da cena do crime há dez anos), o delegado Maurício se informa de que uma dessas pessoas realmente está envolvida.

Giovanna, apresentadora do programa de variedades e jogos, é a verdadeira líder dos Falcões-Peregrinos. No entanto, o leitor só descobre o fato simultaneamente ao delegado e às outras personagens. Há diversas pistas falsas ao longo da narrativa, tal qual blefes da criminosa e jogos linguísticos (como o uso da palavra “líder” e de artigos definidos masculinos ao se referir ao chefe da quadrilha). É depois de uma perseguição ágil e engendradora por Viktor e Agnes que o delegado consegue encurralar Giovanna:

O carro estacionou, o porta-malas foi destravado e Viktor saiu. De costas a sua frente, o verdadeiro líder dos Falcões-Peregrinos chutou um saco de lixo. [...] O rapaz respirou fundo para falar: – Então, você é o líder. Os olhos por trás da máscara de touca se arregalaram. – Vik? O rapaz retirou a máscara de falcão que roubara de Raphael. – Sim, sou eu mesmo, Gio. Giovanna era o líder, ou melhor, a líder dos Falcões-Peregrinos. [...] – O delelerto jamais vai me pegar! Foi quando ouviram freadas bruscas. E Giovanna lentamente se voltou para trás. Por sobre o muro baixo da casa onde estavam, os dois locutores da rádio Veneza FM viram duas, quatro, cinco viaturas policiais pararem. E de dentro de uma delas sair a figura do delegado Maurício com uma arma em punho: – Acabou. (RODRIGUES, 2019, p. 221-222)

O leitor então descobre que Giovanna é a irmã mais velha de Raphael, embora sejam filhos de mães diferentes. O desfecho diegético explora a subjetividade da assaltante, o que também representa um elemento diferente do clássico, à medida que ela conversa longamente com Maurício. É possível compreender que os caminhos que a levaram ao crime são traumáticos, como a morte do próprio pai em meio a um assalto. Novamente, nota-se que as marcas de violência se fazem presentes na vivência da maioria das personagens, transformando-se em tanto em motivos quanto consequências.

O penúltimo capítulo demonstra o momento de redenção de Seu Ignácio e sistematiza a trama:

– Por que o senhor tá rindo, seu Naná? – Notícia boa. Uma notícia boa que passou na televisão. Uma quadrilha que acabou de vez. – Que bom! Agora, vamos assistir à homenagem das crianças. – Não mereço, Sofia! Já disse... – É claro que merece! O senhor abriu uma biblioteca no meio desse sertão e ajuda a manter a creche com seu bendito dinheirinho. É um homem muito bom! Só não entendo porque [sic] não deixou aquela emissora de TV fazer outro dia uma reportagem com o senhor. Por que, hein, seu Ignácio? – *Todo mundo esconde um segredo, minha filha.* (RODRIGUES, 2019, p. 237, grifo nosso)

As sensações provocadas ao término da obra são de emancipação e esperança, baseadas em uma investigação concluída e o sentimento de dever cumprido, tanto de Maurício quanto de Viktor e Agnes, que comentam sobre o futuro, ao imaginarem seus trajetos porvir: “Em seguida, deram-se as mãos. Observaram os dois lados antes de atravessar a rua. Caminhariam juntos para sempre” (RODRIGUES, 2019, p. 238). Finalmente, a coletividade é marcada de forma categórica pelo ícone gráfico de três aves que voam em liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso dos falcões-peregrinos (2019) discute diversos temas fraturantes, caros ao processo de desenvolvimento emocional e social durante a juventude. Severino Rodrigues promove momentos de autorreflexão ao conduzir sensivelmente o leitor por discussões sobre valores universais, verdade, memória, morte, trauma, estética e relações familiares, amorosas e tecnológicas. O sofrimento oriundo tanto da violência urbana e coletiva quanto pessoal leva as personagens a se transformarem à medida que se envolvem com os acontecimentos. A obra entretém ao mesmo tempo que traz outras questões e alavanca debates sobre o modo como pessoas diferentes lidam com seus traumas e ressignificam suas vivências anteriores. Viktor e Agnes, similarmente à

Giovanna e Raphael, têm seu passado marcado pela violência; e as possibilidades de trajetos seguidos a partir daí são múltiplas.

A obra de Severino apresenta marcas necessárias de convencionalismo que constituem o gênero policial: o crime, o detetive, o réu desconhecido; a construção do suspense, as falsas pistas, as reviravoltas e a surpresa final. Há a presença de elementos essenciais tanto ao tradicional romance de enigma quanto ao moderno *roman noir*, o que possibilita a caracterização de *O caso dos falcões-peregrinos* como narrativa de suspense, particularmente porque as personagens focalizadas na trama são as vítimas. No entanto, por inserir à história policialesca atributos da literatura juvenil contemporânea, não caberia encaixar a obra em apenas uma categoria. Vale ressaltar que a linha investigativa mescla as linhas de introspecção psicológica, denúncia social, relações amorosas e intertextualidade.

Talvez justamente por se tratar de ficção para jovens, a obra se distancia em algum nível dos exemplares policiais mais atuais (pensando em Rubem Fonseca e Patrícia Melo, por exemplo), nos quais a dicotomia maniqueísta de bem *versus* mal é turva. Em sua grande maioria, a literatura policial contemporânea distorce completamente a ideia de (a)moralidade ao construir detetives com traços negativos. Em *O caso dos falcões-peregrinos* (2019), por mais que haja um aprofundamento breve na subjetividade da criminosa mandante, há uma distinção clara entre os grupos: de um lado, os bandidos — representados pela imagem do falcão; do outro, as pessoas que procuram a verdade — representadas pela imagem da águia.

Ao elaborar uma narrativa policial, Severino Rodrigues aproxima os leitores jovens da realidade que os circunda. Nesse sentido, é possível afirmar que representar artisticamente a violência, na literatura juvenil, significa desenvolver uma visão genuína da realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. F. Literatura juvenil. *E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia*, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-juvenil/>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CADEMARTORI, L. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- DIAS, E. S.; CARVALHO, D. B. A. A literatura juvenil contemporânea: breves considerações sobre a formação de um subsistema literário. *Miscelânea*, v. 26, p. 257–269, 2019.
- FAJARDO, A. Narrativa juvenil contemporânea e o gênero policial: romance de enigma, *noir* e de suspense nas obras de Luís Dill. *Travessias Interativas*, v. 8, n. 15, p. 253–266, 2018.
- JAMESON, F. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LUFT, G. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 36, p. 111–130, dez. 2010.
- NUNES, L. C. *O crime como método: um estudo da literatura policial na obra de Mayrant Gallo*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.
- RAMOS, A. M.; FONSECA, A. D. Tendências da literatura juvenil contemporânea: os temas fraturantes na obra de Ana Saldanha. *Literartes*, n. 4, p. 89, 2015.
- RODRIGUES, S. *O caso dos falcões-peregrinos*. São Paulo: Cortez, 2019.
- TODOROV, T. Tipologia do romance policial. In: TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leila Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 93-104.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 29 de março de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de setembro de 2021.